

# O Paradoxo do Hamas: Democracia vs Terrorismo?

Juliana Santos

Associação Portuguesa de Esperanto

## Resumo

O paradoxo que o Hamas vive – e que serve de mote a este artigo – não é mais do que o resultado da combinação das várias visões do mundo em relação a si próprio. Os diversos actores, regionais e internacionais, influenciavam teórico-historicamente o Movimento da Resistência Islâmica na sua ideologia e na sua conduta.

As eleições de 25 de Janeiro de 2006 ditaram, democraticamente, a vitória do Hamas. Valeu-lhe, claramente, a sua boa imagem forjada por obras sociais dignas da inveja do Fatah, então descreditado aos olhos da maioria do eleitorado. No entanto, pela fidelidade do Movimento da Resistência Islâmica ao seu *Pacto* de 1988, onde incluía, entre outros, o não reconhecimento de Israel, o mundo condenou o partido e coagiu o presidente da AP à acção.

Na actualidade, afloram questões, dúvidas e sede de justiça. Enquanto *irmãos* se defrontam a céu aberto, “negociações sérias” prevêm-se e a promessa de um Estado Palestiniano ganha consistência. Mas... com que pilares? Será o Hamas um deles?

## Abstract

### The Hamas' Paradox: Democracy versus Terrorism

*The paradox Hamas lives – and entitles this paper – is not more than the result of a multiple world visions' combination, concerning the movement. The regional and international actors influence, theoretical and historically, the Islamic Resistance Movement in its ideology and conduct.*

*The 25<sup>th</sup> January 2006 elections have dictated, democratically, the Hamas' victory, due to the image left by the significant social work practiced, which was peremptory in its distanciation from the discredited Fatah in the eye of the majority of voters. However, because of the Islamic Resistance Movement's fidelity towards its 1988 Covenant, where the non recognition of Israel was included, the world condemned the party and coerced the president of the PA into action.*

*Now, there are visible questions, doubts and thirst of justice. While brothers confront themselves, “serious negotiations” are predicted and the Palestinian state's promess gains consistency. But... which are those pillars? Is Hamas one of them?*

## Introdução

Numa tentativa de elucidar a questão-título deste artigo, lançar-nos-emos numa problemática que assenta numa base teórico-histórica.

Desde a questão do regime político que se encontra em vigor nos territórios palestinianos, passando pela tentativa de vislumbrar o Hamas como ele realmente é, ou seja, para lá da bruma de organizações, movimentos e partidos políticos, chegaremos às “urnas” palestinianas, possivelmente com mais questões do que outrora. No entanto, o caminho prolonga-se e a contemporaneidade em que vivemos reflecte-se aqui, sob a forma de assuntos quentes – terrorismo e combate ao terrorismo, “Conferência de Novembro” e o futuro Estado Palestino – cujo desfecho está ainda por traçar...

**O regime que vigora nos territórios palestinianos<sup>1</sup>** corresponde a um dos dois grandes tipos de regimes actuais: o democrático. Porquê? Porque, de forma mais ou menos consensual, a caracterização de regime democrático prende-se com a participação da população,<sup>2</sup> directa ou indirectamente, através da tomada de decisões ou da escolha dos governantes, respectivamente. Ora, o art. 64º do terceiro esboço da Constituição do Estado da Palestina<sup>3</sup> defende a participação do eleitorado através do voto, tal como aconteceu nas eleições legislativas de 25 de Janeiro de 2006.

Os regimes democráticos manifestam-se, por um lado, através do modo formal.<sup>4</sup> No que diz respeito ao esboço constitucional palestiniano, a sua principal fonte de direito é a Xariá.<sup>5</sup> Coloca-se, aqui, uma questão bastante pertinente para o Ocidente: até que ponto é que a Xariá constitui uma fonte de direito fiável?

Por outro lado, os regimes democráticos modernos têm também o seu lado material, cujo objectivo principal é o bem-estar das pessoas. Na prática, ele espelha-se na governação e, portanto, em tudo quanto possibilite, entre outros, a garantia dos direitos sociais e da qualidade de vida dos cidadãos. Com a criação de escolas, de hospitais e de centros

---

1 Territórios palestinianos é a designação oficial da Palestina, enquanto aguarda pela criação, de facto, do Estado Palestino.

2 Este elemento é alvo de imprecisão. Depende de vários factores, de entre os quais, das condições implementadas “no terreno”.

3 Ver Comité da Constituição. 2003. “Constitution of the State of Palestine: third draft”. *Jerusalem Media & Communication Center*. (25 de Março): [<http://www.jmcc.org/documents/palestineconstitution-eng.pdf>].

4 Ou seja, recorrendo a leis que salvaguardam os princípios democráticos.

5 Este termo consiste numa outra designação para “lei islâmica” que conta com a aprovação “futurista” de A. Tavares Louro, devido ao facto deste termo carecer ainda de aprovação no seio da Língua Portuguesa e da consequente incorporação nos dicionários.

sociais, com a aposta na formação e na actividade têxtil e com o abandono da cena política institucionalizada a partir de 1996,<sup>6</sup> o Hamas desenvolveu uma grande proximidade com a população que, não só serviu para construir uma imagem de rectidão,<sup>7</sup> como também para lhe “dar” a vitória nas passadas eleições legislativas.

## O Hamas

**1. No final de contas, o que é o Hamas?** Antes de mais, trata-se de uma organização incontornável no seio dos territórios palestinianos, devido à sua obra económica e social dos últimos tempos.

Tendo tido oficialmente início em 1987, o Hamas popularizou-se então, aquando da 1ª Intifada, como o acrónimo *Movimento da Resistência Islâmica* o indica. Esta reacção violenta à ocupação, por parte de Israel, dos territórios palestinianos teve como base a não-aceitação dos Acordos de Oslo nem de quaisquer negociações de paz com o “ocupante”.

Treze anos mais tarde, teve lugar a 2ª Intifada. Foi então que o Hamas passou a ser considerado pelos Estados Unidos da América como uma organização terrorista. A União Europeia não tardou a seguir o exemplo norte-americano e a cortar-lhe a “mesada”,<sup>8</sup> como se de uma mãe se tratasse no momento de castigar... Se bem que, até à publicação do documento da Posição Comum 2004/500/PESC do Conselho Europeu, apenas figurava o ramo terrorista do Hamas, designadamente o Hamas-Izz al-Din al-Qassem, enquanto entidade terrorista propriamente dita.

Se numa primeira fase, o Hamas lançou ataques contra os militares israelitas, numa segunda fase, alvejou civis, na sequência do massacre perpetrado por um colono israelita. Até à sua repressão severa por parte da Autoridade Palestiniana, seguiram-se violentos ataques. Pouco tempo depois, já em 1996, o Hamas “desligou-se” da cena política, enquanto partido político, recusando participar nas eleições que se avizinhavam.

---

6 Ver Pereira, P. 2006. “Palestina, que Futuro?”. *Newsletter N° 13, Instituto da Defesa Nacional*. (Julho): [www.idn.gov.pt/].

7 Essa imagem de rectidão viria a superar as de corrupção e de clientelismo deixadas pelo Fatah (ou Movimento de Libertação Nacional da Palestina) e pela Autoridade Palestiniana.

8 Na verdade, a UE era, até à data, a principal financiadora das instituições e da causa palestiniana e nenhuma outra ajuda quer fosse síria, quer fosse iraniana, se lhe comparou em importância.

2. Segundo o “*Hamas Covenant*”,<sup>9</sup> art. 8º, o Movimento da Resistência Islâmica propagandeia-se da seguinte forma: «Alá é o seu alvo, o Profeta é o seu modelo, o Alcorão é a sua constituição: a *Jihad*<sup>10</sup> é o seu caminho e a morte em nome de Alá é o mais altivo dos seus desejos».

Do ponto de vista ideológico, o Hamas adopta o Islão como modo de vida. Dos pontos de vista temporal e espacial, o movimento refere-se, respectivamente, ao tempo do nascimento da mensagem islâmica e ao seu carácter universal, que se faz possível para qualquer muçulmano que queira aderir ao *caminho* do Hamas (art. 7º) de clara ideologia, de nobre intenção e de objectivos de nível.

O Hamas assume-se como um dos elos da corrente na luta contra os invasores sionistas. A origem desta corrente remonta a 1939, com o surgimento do mártir Izz al-Din al Kissam e dos membros da Irmandade Islâmica.<sup>11</sup> Na continuação da luta, dá-se a fusão entre as lutas de palestinianos e da Irmandade Islâmica, na guerra de 1948. E, a partir de 1968, a luta inclui as operações *Jihad* da Irmandade Islâmica.

Que explicação existe para o aparecimento, em 1987, do Movimento da Resistência Islâmica? Segundo o art. 9º, o Hamas surge...

«...numa altura em que o Islão tinha desaparecido da vida. Assim, as regras abalaram, os conceitos ficaram transtornados, os valores mudaram e as pessoas más assumiram o poder, a opressão e a escuridão prevaleceram, os cobardes tornaram-se tigres: os lares foram usurpados, as pessoas dispersaram e foram obrigadas a vaguear por todo o mundo, o *estado de justiça*<sup>12</sup> desapareceu e o *estado de falsidade*<sup>13</sup> substituiu-o. Nada se manteve no seu devido lugar. Assim, quando o Islão está fora do horizonte, tudo muda. A partir deste estado das coisas, os incentivos são delineados.»

---

9 *Covenant*, no original, pode significar pacto, convenção, contrato, ajuste, combinação e promessa. Assim sendo, este documento poder-se-á traduzir por: “O Pacto do Hamas”, que servirá como a sua declaração de princípios. Como o próprio documento indica, «Este *Pacto* do Movimento da Resistência Islâmica (HAMAS), clarifica a sua imagem, revela a sua identidade, define o seu posto, explica os seus objectivos, fala sobre as suas expectativas, e apela ao seu apoio, adopção e a ingressão nas suas fileiras.» Ver 1988, “*Hamas Covenant*” (18 Agosto): [<http://www.yale.edu/lawweb/avalon/mideast/hamas.htm>].

10 Uma possível tradução seria a de guerra santa. No entanto, sendo este termo controverso e de dúbia significação, o termo permanecerá na sua forma original.

11 O mesmo que *Moslem Brotherhood Group*. A Irmandade Islâmica é uma organização que se caracteriza pela indissociação de todos os conceitos islâmicos nos diversos aspectos da vida: desde a cultura, a arte, a informação, a política, a economia, a educação, a sociedade, a justiça e o julgamento, até à ciência do oculto, a expansão do Islão, a crença e a conversão ao Islão (art. 2º).

12 Tradução literal de *state of justice*.

13 Tradução literal de *state of falsehood*.

O Movimento da Resistência Islâmica vê-se como um movimento palestino distinto, sendo um dos braços da Irmandade islâmica na Palestina. Ele esforça-se por permitir a segura coexistência inter-religiosa na Palestina, sob a protecção do Islão, que é tido como o guardião da paz. (art. 6º)

Objectivos do Hamas? Sem poupar esforços, o movimento visa sobretudo, obter três objectivos. «A luta contra a falsidade, destruindo-a e vencendo-a para que a justiça possa prevalecer» (art. 9º), ou seja, o combate da “invasão sionista”, é o primeiro apresentado neste documento. Seguem-se-lhe a vontade de recuperar os “lares perdidos” e de implementar o “estado do Islão”. Quer a **invasão sionista** quer o **estado islâmico** necessitam de um pouco mais de aclaração. Começando pelo segundo...

- a) Estado islâmico: o Hamas assume a natureza islâmica da Palestina como parte da sua religião. Assim sendo, não partilha da ideia secular da Organização para a Libertação da Palestina, que vê como resultante de acontecimentos históricos:

«Devido às situações que envolveram a formação da organização, da confusão ideológica que prevalece no mundo árabe como resultado da invasão ideológica sob cuja influência o mundo árabe tem sucumbido desde a derrota dos Cruzados e que foi, e continua a ser, intensificada pelos orientalistas, missionários e imperialistas (...)» (art. 27º)

O movimento reconhece, contudo, que “a sua Pátria é uma, a sua situação é uma, o seu destino é um e o inimigo comum a todos”, demonstrando a elevada estima que nutre pela OLP.

A tese de que a Palestina é um *waqf* islâmico, consagrado a futuras gerações muçulmanas, antes do Dia do Julgamento, está presente no pensamento colectivo do movimento, tendo em conta o seguinte:

*Waqf* Tem o valor de “propriedade”. No mundo muçulmano, este termo significa uma doação - facultativa mas - perpétua feita por um particular a uma obra de utilidade pública, piedosa ou de caridade. O bem dado para usufruto não pode ser retirado e torna-se inalienável. A prática de declarar uma propriedade como um *waqf* tornou-se bastante usual, devido à prática de expropriação de propriedades de pessoas importantes assim que morressem ou caíssem em desgraça, em muitos estados muçulmanos. Este termo esteve entre os mais importantes senhores de propriedades do mundo Islâmico até há pouco tempo, e ainda permanece significativo.

Existem três pilares (art. 11º) que sustentam essa ideia:

- Pilar jurídico: a lei vigente na terra da Palestina é a Xariá.
- Pilar histórico: durante o tempo das conquistas (islâmicas), os muçulmanos dedicaram estas terras às gerações muçulmanas até ao Dia do Julgamento.
- Pilar político: se, por um lado, a terra, ou qualquer parte dela, não deve ser desperdiçada ou abandonada<sup>14</sup> e se, por outro lado, ninguém (seja país árabe ou rei ou presidente ou organização, sendo palestino ou árabe) detém o poder para fazer isso, quem é que poderia reivindicar o direito de representar as gerações muçulmanas até ao Dia do Julgamento?

b) Relativamente ao primeiro objectivo do Hamas... “invasão sionista”: o Movimento da Resistência Islâmica pretende, sem olhar a constrangimentos temporais, a concretização da promessa de Alá: «O Dia do Julgamento não acontecerá antes que os muçulmanos tenham combatido os judeus (matando os judeus), quando o judeu se esconder atrás das pedras e das árvores. As pedras e as árvores dirão [:] “Ó muçulmanos, Ó *Abdulla*,<sup>15</sup> está um judeu atrás de mim, vem e mata-o”». <sup>16</sup> Por outras palavras:

«A nossa luta contra os Judeus é grandiosa e muito séria (...). O Movimento é um só esquadrão que deverá ser apoiado por mais e mais esquadrões deste vasto mundo Árabe e Islâmico, até que o inimigo seja vencido e a vitória de Alá se realize.»<sup>17</sup>

Insere-se, aqui, o nacionalismo “hamasiano”. Segundo o art. 12º, resistir e reprimir o inimigo, logo que pise terra muçulmana, constitui o dever individual de qualquer muçulmano, seja ele homem ou mulher. Tal dever faz parte da sua doutrina religiosa.

**3. Contra quem luta o Hamas: Israel ou o sionismo?** A grande *nuance* desta questão prende-se, sobretudo, com a interpretação feita pelo Movimento da Resistência Islâmica do “inimigo”. Para além de perverso, o “inimigo” do Hamas (art. 20º) age de forma

---

14 No original, está “should not be given up”. Literalmente, seria traduzido por “que não seria desistida”. Poder-se-ia traduzir por “deixada” e, assim, chegar à definição atribuída: “abandonada”.

15 Permanece no seu original.

16 Ver art. 7º do “Hamas Covenant”.

17 Ver Introdução do “Hamas Covenant”.

semelhante ao Nazismo quando se trata de: punir colectivamente, privar as pessoas da sua Pátria e dos seus bens, perseguir as pessoas nos seus locais de exílio, de as concentrar em campos de detenção e de, com ou sem razão, proceder ao seu assassinato, não fazendo distinção entre homens e mulheres, crianças ou idosos... «A sua política de combater o medo no coração vale para todos. Eles atacam pessoas nos locais em que ganham o pão para viver, extorquindo o seu dinheiro e ameaçando a sua honra. Eles lidam com pessoas como se elas fossem os piores criminosos de guerra. Deportações da sua Pátria são um tipo de morte.»

Também designada por política de separação, simbolizada pela “barreira de segurança” - vulgo *muro* - ou de retaliação maciça, não estará a política israelita um tanto abalada nos seus valores enquanto estado de direito? Pois, então, onde se encontram hasteadas as bandeiras israelitas de boa vizinhança e de promoção da paz, liberdade e de justiça: no arame farpado que cobre o betão que, com os seus quilómetros de extensão, aprisiona os palestinianos nas suas próprias terras?

O Hamas justifica o seu “espírito islâmico” com a existência de tal inimigo que vive lado a lado consigo. «A invasão sionista é uma invasão perversa. Não se abstém de recorrer a todos os métodos, usando todas as maneiras maléficas e desprezíveis para alcançar o seu objectivo». (art. 28º do “Hamas Covenant”)

A “**escolha democrática**”:<sup>18</sup> será este o único requisito capaz de dar credibilidade a um governo? Ora, se por um lado, o Quarteto<sup>19</sup> viu com bons olhos o profissionalismo com que decorreram as passadas eleições,<sup>20</sup> por outro lado, a sua inquietação aumenta à medida que o Hamas persiste no objectivo da destruição do Estado de Israel e no uso da violência como meio de fazer valer o seu discurso,<sup>21</sup> não cumprindo os princípios que o próprio Quarteto lhe propôs, designadamente: a renúncia à violência, o reconhecimento de Israel e a aceitação dos acordos de paz, em especial os de Oslo, que remontam ao tempo de Yasser Arafat.

No entanto, é de notar que o presidente da AP não se opôs à posse do governo do Hamas, apesar das objecções que tinha levantado ao seu programa. Passado pouco mais

---

18 Segundo o presidente da AP, Mahmud Abbas, que assim definiu as eleições legislativas do passado dia 25 de Janeiro de 2006.

19 O Quarteto é composto pela ONU, pela União Europeia, pelos Estados Unidos da América e pela Rússia.

20 O controlo foi levado a cabo, sobretudo, por observadores da União Europeia.

21 O discurso do Hamas visa três objectivos: a desocupação dos territórios palestinianos que estão sob o domínio ilegítimo israelita, a criação de um estado islâmico para a Palestina e a destruição do Estado de Israel, como já foi acima referido.

de um mês, Abbas avançou efectivamente com a rejeição do programa do governo, argumentando a falta de clareza relativa aos principais pontos políticos e concedendo mais algum tempo em troca da apresentação de um plano mais concreto. No entanto, o presidente da Autoridade Palestiniana entrou em contradição: ao entregar – dois dias antes da dita apresentação – uma carta ao chefe de governo dizendo que iria exercer a sua autoridade no sentido da protecção dos mais altos interesses do seu povo, acrescentou que, por respeito ao processo democrático, daria ao governo de Ismail Haniyed a oportunidade de assumir este cargo com responsabilidade.

Será que admitir a existência de uma constituição (ainda que não estejam consolidadas as estruturas estatais), de eleições livres, democráticas e “controladas”, da pluralidade<sup>22</sup> de partidos com liberdade para as disputarem, da separação de poderes e da independência judicial, constituirá argumento suficiente para acreditar que existe um verdadeiro regime democrático nos territórios palestinianos, dada a semelhança que tem com o regime democrático ocidental da actualidade?<sup>23</sup>

Mas o que é a verdadeira democracia? E em caso de possível definição, ela existe efectivamente na prática? E em relação ao regime democrático ocidental, não será ele revelador dos mesmos valores que a religião cristã nos incute, desde há séculos, mesmo intitulado-se de “estados laicos”? Não estarão já os seus valores de tal forma “entranhados” no Homem ocidental que já não se conseguem distinguir da verdadeira essência da democracia?

Não terá sido um tanto forçada a implementação deste modelo no seio palestiniano como afirma a investigadora do Instituto da Defesa Nacional, Paula Pereira: «o modelo democrático ocidental tem de sofrer adaptações em função da cultura, das tradições dos povos, entre outros critérios.»<sup>24</sup> E «se o objectivo dos países ocidentais continua a ser a implementação do modelo democrático, neste caso tem (sic) de existir um trabalho prévio de preparação das populações e sobretudo das elites políticas dos Estados».<sup>25</sup>

Quanto ao Hamas e à sua “teimosia” no que ao não reconhecimento do Estado de Israel diz respeito, será mesmo verdade que, tal como o apresenta a ministra francesa delegada para os Assuntos Europeus, Catherine Colonna, «é **evidente** que o terrorismo

---

22 O Hamas e a Jihade Islâmica são grupos habituados a disputar eleições municipais, já que, nas zonas rurais, o apoio ao Fatah tende a ser mais forte.

23 O regime democrático ocidental caracteriza-se, entre outros, pelo estado de direito, pela liberdade (de expressão, ...), pela separação de poderes e pela independência judicial.

24 Ver Pereira, P. 2006. “Palestina, que Futuro?”. *Newsletter Nº 13, Instituto da Defesa Nacional*. (Julho): [www.idn.gov.pt/], p. 2.

25 *Ibid.*



é incompatível com a democracia»? No mínimo, esta observação dá que pensar, a começar pela fiabilidade da atribuição do “estatuto” de terrorista, sob pena de ser considerada ora aleatória, ora mal fundamentada...

## Terrorismo e Combate ao...

### 1. Eixo do Mal

O carácter instável norte-americano, aplicado ao dossier *Desmantelamento do Programa Nuclear*, fez notícia com: “Estados Unidos retiram Coreia do Norte do Eixo do Mal”.<sup>26</sup> O mundo ficou duplamente surpreendido: primeiro, com o desmantelamento das centrais nucleares norte-coreanas pela própria e, segundo, com as compensações<sup>27</sup> prometidas pelo outro lado do Pacífico.

Já no caso iraniano, o seu Parlamento, conhecido por *Maslis*, passa a designar oficialmente a CIA e o exército dos EUA como “organizações terroristas”, em resposta à resolução norte-americana que atribui a mesma designação aos Guardas Revolucionários do Irão.<sup>28</sup>

### 2. “Israel enquanto entidade terrorista não reconhecida?”

Se o Conselho Europeu declarava, em 21 de Setembro de 2001, que o combate ao terrorismo passaria a ser um objectivo prioritário da União Europeia, em menos de um mês e após o Conselho de Segurança das Nações Unidas adoptar a Resolução 1373 (2001),<sup>29</sup> reiterava «a determinação da União em atacar as fontes financiadoras do terrorismo, em estreita cooperação com os Estados Unidos.»<sup>30</sup>

---

26 Ver [s./a.]. 2007. “Estados Unidos retiram Coreia do Norte do Eixo do Mal”. *Público*. (3 Setembro): [<http://www.publico.clix.pt/>] (acedido em 03/09/2007). Do “Eixo do Mal” fazem parte o Irão e o Iraque.

27 Sendo estas compensações de ordem económica e política, mais precisamente relativas ao levantamento da lei que proíbe o comércio com países inimigos.

28 Ver OM. 2007. “Irão: Parlamento de Teerão declara CIA e Exército dos EUA «organizações terroristas»”. *Expresso*. (30 Setembro): [<http://expresso.clix.pt/>] (acedido em 9/10/2007).

29 Este documento estabelece estratégias de amplo alcance de combate ao terrorismo, “atacando”, desde logo, o seu financiamento.

30 Ver Conselho Europeu. 2001. “Posição Comum do Conselho de 27 de Dezembro de 2001 relativa à aplicação de medidas específicas de combate ao terrorismo”. *Jornal Oficial das Comunidades Europeias: L 344/93*. (28 Dezembro): [<http://eur-lex.europa.eu/pt/index.htm>] (acedido em 28/09/2007).

Sendo “grupo terrorista” uma associação estruturada de mais de duas pessoas, que se mantém ao longo do tempo e actua de forma concertada na prática de actos terroristas, o que é que a UE entende por “acto terrorista”? «Um acto intencional que, dada a sua natureza ou o seu contexto, possa causar sérios danos a um país ou a uma organização internacional, definido como infracção na legislação nacional».<sup>31</sup>

A intenção desse acto tem de estar patente em qualquer dos três seguintes parâmetros:

- a) «Intimidar gravemente uma população ou
- b) Obrigar indevidamente autoridades públicas ou uma organização internacional a praticar ou a abster-se de praticar qualquer acto, ou
- c) Desestabilizar gravemente ou destruir as estruturas políticas, constitucionais, económicas ou sociais fundamentais de um **país** ou de uma **organização internacional**».

Focando o parâmetro c) acima enunciado, não deveriam as **nações** ser também alvo de protecção, principalmente quando se trata de uma nação em vias de ser reconhecida como estado, como é o caso palestiniano?

Esta desestabilização pode revelar-se nas mais diversas acções em que, curiosamente, muitas delas se assemelham à conduta israelita de forma notória: das alíneas a) a k), destacam-se sete num total de 11. E eis que:

- a) Os israelitas matam civis inocentes e pessoas meramente suspeitas de serem militantes;
- b) Os israelitas atentam contra a integridade física de pessoas, de forma constante;
- c) Os israelitas fazem dezenas de presos políticos, sem causa justificada;
- d) Os israelitas privam inocentes de aceder ao seu trabalho, às suas terras, a hospitais, confinando-os ao lado de lá do “muro da humilhação”;
- f) O exército israelita, segundo o general israelita Gaby Ashkenazia, vai reforçar as suas tropas terrestres, cujo objectivo é o de «executar a sua tarefa, a defesa de Israel e dos seus cidadãos».<sup>32</sup> Uma das faces deste projecto de rearmamento de cinco anos consiste na produção do *Merkaava 4*<sup>33</sup> e de outros transportes blindados. Mas o

---

31 *Ibid.*

32 Ver [s/a]. 2007. “L’armée israélienne va renforcer ses troupes terrestres”. *Le Monde*. (3 Setembro): [<http://www.lemonde.fr/>] (acedido em 3/09/2007).

33 Segundo a mesma notícia, teria sido devido ao seu elevado custo que o governo tinha pensado em parar a produção deste blindado.

“investimento na paz” (será o mesmo que dizer “o combate ao terrorismo”?) não termina por aqui...<sup>34</sup>

- h) Quanto à «perturbação ou interrupção da distribuição de (...) electricidade»,<sup>35</sup> Israel mandou helicópteros bombardearem a única central eléctrica de Gaza em 2006, no dia 28 de Junho, o que viola, em larga escala, os Acordos de Oslo. Mais recentemente, em Agosto de 2007,<sup>36</sup> a Faixa de Gaza voltou a ressentir-se por falta de electricidade. A UE que, por desconfiança das intenções do Hamas<sup>37</sup> havia interrompido o financiamento, decidiu retomar o seu abastecimento após três dias de cortes.

Na sequência do boicote político e do bloqueio económico decididos no pós-intervenção militar do Hamas na Faixa de Gaza, em meados de Junho, o seu isolamento acentua-se ainda mais com a crise que opõe o Hamas ao partido do presidente Mahmud Abbas, com o qual a União Europeia se encontra em relação directa. Sem a ajuda da UE, a falta de electricidade em Gaza continuaria onde um terço dos seus 1,5 milhões de habitantes vive, apenas, com algumas horas de corrente por dia.<sup>38</sup>

E, finalmente:

- i) Ameaça da prática de um dos actos enunciados nas alíneas a) a h).

### 2.1 O “investimento [israelita] na paz”

Segundo um protocolo de acordo assinado a 16 de Agosto de 2007, em Jerusalém, o estado judeu deve receber, sob a forma de ajuda militar norte-americana, 30 mil milhões de dólares para 10 anos. Em compensação, o Ehud Olmert comprometeu-se a não se opor ao contrato de 20 mil milhões de dólares de vendas de armas americanas à Arábia Saudita. Já em 2006, os EUA haviam depositado 2400 milhões nos cofres da defesa

---

34 Ver abaixo: 2.1 O “investimento [israelita] na paz”.

35 Ver Conselho Europeu. 2001. “Posição Comum do Conselho de 27 de Dezembro de 2001 relativa à aplicação de medidas específicas de combate ao terrorismo”. *Jornal Oficial das Comunidades Europeias: L 344/93*. (28 Dezembro): [<http://eur-lex.europa.eu/pt/index.htm>] (acedido em 28/09/2007).

36 Ver [s/a]. 2007. «Après trois jours de coupures, l’électricité devrait revenir à Gaza ». *Le Monde*. (21 Agosto): [<http://www.lemonde.fr/>].

37 O que constou à UE foi que havia, da parte do Hamas, vontade de desviar parte das receitas da produção de electricidade em Gaza. Tal veio a ser desmentido pelo representante do Hamas em Gaza, Ismail Haniyeh.

38 Ver Barthe, B. 2007. “Pénurie d’électricité à Gaza après la suspension de financements de l’UE”. *Le Monde*. (22 Agosto): [<http://www.lemonde.fr/>].

israelita, sendo  $\frac{3}{4}$  deste valor destinados à compra de armas, fabricadas pelos americanos.<sup>39</sup>

De uma forma menos evidente, Israel apoia a causa do Fatah libertando, a título de exemplo, 256 palestinianos que se encontravam detidos na prisão de Ketziot, no sul de Israel,<sup>40</sup> sendo a maioria militantes do partido de Abbas. Trata-se, curiosa e simplesmente, do maior número de detidos palestinianos libertados por Israel nos últimos anos. E é, portanto, um gesto com vista a conferir maior força ao presidente da AP face ao Hamas.

### 3. “Uma entidade hostil” de seu nome Gaza

Convocado o Gabinete de Segurança israelita, o primeiro-ministro presidiu à discussão das possibilidades de actuação, na sequência dos disparos de *rockets* Qassam em Sderot e noutras comunidades próximas da Faixa de Gaza e do contínuo terrorismo em Gaza,<sup>41</sup> tendo a pressão da retaliação pública israelita crescido desde que um *rocket* atingiu uma base militar no dia 18 de Setembro de 2007, ferindo 69 soldados. A decisão unânime a que chegaram determina que o Hamas é uma organização terrorista, que se apoderou da Faixa de Gaza e que fez dela um território hostil que atenta contra o Estado de Israel e os seus cidadãos. As palavras da Ministra dos Negócios Estrangeiros de Israel, Tzipi Livni, foram complementares das do chefe do governo:

«As nossas decisões de hoje são: declarar que a Faixa de Gaza é um terreno hostil e o significado é que, mesmo chegando a necessidades humanitárias, temos a nossa quota de responsabilidade. Por outro lado, todas as necessidades que forem além das humanitárias, não serão fornecidas por Israel à Faixa de Gaza. Esperamos que a situação da Faixa de Gaza se modifique no futuro e que os palestinianos percebam que, apoiando este tipo de terroristas, não os irá ajudar».<sup>42</sup>

---

39 Questionável é a conduta deste aliado democrático, que é os EUA, cuja fatia avultada do seu orçamento se vê militarmente canalizada, enquanto o défice não pára de se agravar, e os seus contribuintes de se revoltar.

40 Ver [s./a.]. 2007. “Israel libère 256 prisonniers palestiniens”. *Le Monde*. (20 Julho): [<http://www.lemonde.fr/>] (acedido em 03/09/2007).

41 Ver [s./a.]. 2007. “Security Cabinet declares Gaza hostile territory”. *Ministério dos Negócios Estrangeiros de Israel*. (19 Setembro): [<http://www.mfa.gov.il/MFA>].

42 Ver [s./a.]. 2007. “Middle East Rice 5”. AP/US POOL. (19 Setembro): [<http://www.ap.org/>].

Ficou também decidido adoptar as recomendações então apresentadas: a continuação das operações militares e anti-terroristas contra as organizações terroristas, para além de sanções adicionais impostas ao regime do Hamas. Esta é uma forma de restringir, por um lado, a transferência de bens para a Faixa de Gaza e, por outro lado, a mobilidade das pessoas de e para Gaza, além de reduzir o fornecimento de combustível e de electricidade. As sanções seriam implementadas «de acordo com uma inspecção legal»,<sup>43</sup> atenta aos aspectos humanitários, de forma a evitar uma crise humanitária.

Ainda que esperando que as novas medidas façam pressão sobre o Hamas, oficiais israelitas afirmam que «reservas de combustível e de electricidade poderão ser alvejadas».<sup>44</sup>

O mesmo Hamas que desapropriou o seu rival, Fatah, para assumir o controlo de Gaza condenou a decisão israelita: «Isto é uma declaração de guerra e continuam as acções criminosas, terroristas e sionistas contra o nosso povo». Ao qualificá-lo de “entidade hostil”, Rice «dá cobertura à ocupação israelita, para que continue os seus crimes e a sua escalada contra o povo [palestiniano]».<sup>45</sup> Por sua vez, o porta-voz do movimento na Faixa de Gaza, Fawzi Barhoom, acrescentou que o objectivo de Israel seria o de forçar o seu povo faminto a aceitar as fórmulas humilhantes que pudessem emergir da *conferência*.

Grupos militantes palestinianos dizem que o *rocket* disparado foi em resposta à acção militar israelita: em Gaza, dois palestinianos morreram durante um ataque perpetrado pelas forças israelitas, sendo um deles militante, e o outro um jovem civil, esmagado por uma **retroescavadora** do exército israelita; e na Cisjordânia, 35 palestinianos suspeitos de serem militantes foram detidos pelo exército israelita.<sup>46</sup>

Três reacções à declaração israelita de Gaza enquanto “entidade hostil” merecem especial atenção. São elas as seguintes:

1. A do Ministro Palestiniano da Informação, Riyad al-Malki, que afirmou que a AP pediria aos EUA que «pressionasse Israel para que esfriasse os seus ânimos antes de tomar essa acção», visto condenar a declaração israelita;

---

43 Ver [s./a.]. 2007. “Security Cabinet declares Gaza hostile territory”. *Ministério dos Negócios Estrangeiros de Israel*. (19 Setembro): [<http://www.mfa.gov.il/MFA>].

44 Ver [s./a.]. 2007. “Israelis declare Gaza «hostile»”. *BBC News*. (19 Setembro): [<http://news.bbc.co.uk/>].

45 Ver [s./a.]. 2007. “Condoleezza Rice quer «negociações sérias» sobre um Estado palestiniano”. *Lusa/SOL*. (20 Setembro): [<http://sol.sapo.pt/PaginalInicial/Default.aspx>].

46 *Op. cit.*

2. A do Secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, que **pressionou** Israel para que reconsiderasse a sua decisão, já que tal seria contrária às suas obrigações,<sup>47</sup> sob as leis humanitárias internacionais e as dos direitos humanos, em relação à população civil [de Gaza]; e
3. A da Secretária de Estado norte-americana, Condoleeza Rice que, apesar de não ter sido informada previamente da decisão israelita sobre Gaza, apoiou o novo “rótulo”, acrescentando o seguinte:  
«Não iremos abandonar os palestinianos inocentes de Gaza e, sem dúvida, iremos fazer todos os esforços para lidar com as suas necessidades humanitárias, no momento em que Gaza e a Cisjordânia são ambas entidades constituintes do futuro Estado Palestiniiano; isso não quer dizer que Gaza deva ser separada de forma alguma e tratada como se o fosse...quando o legítimo governo de Gaza é, ultimamente, a AP. Mas o Hamas é, sem dúvida, uma entidade hostil, é uma entidade hostil para os EUA da mesma forma.»<sup>48</sup>

#### 4. Sangue do mesmo sangue, em confetrâneo derramamento...

Dada a tomada da Faixa de Gaza perdurar de forma cada vez mais autoritária por parte dos islamistas, as manifestações locais sucedem-se:

- No dia 13 de Agosto,<sup>49</sup> teve lugar a primeira manifestação pouco tempo depois do Hamas ter anunciado a interdição de todas as manifestações não autorizadas pela Força Executiva.<sup>50</sup> Cem polícias receberam com matracas cerca de 300 manifestantes,<sup>51</sup> os quais eram militantes do Fatah ou pertenciam a partidos de esquerda, tal como a FPLP. Enquanto decorriam as agressões físicas e apreensões de bandeiras amarelas, tiveram lugar gritos: “Hamas! O que se passa em Gaza é ina-

---

47 Conforme a posição actual, sob as leis do Direito Internacional, Israel permanece legalmente responsável pela faixa costeira, apesar de ter evacuado há já 2 anos, porque ainda controla as fronteiras, o espaço aéreo e as águas territoriais de Gaza. No entanto, correspondentes da BBC dizem que, declarando formalmente Gaza “hostil”, Israel pode argumentar que já não é da competência do Direito Internacional governar a administração do território ocupado.

48 Ver [s./a.]. 2007. “Middle East Rice 5”. *AP/US POOL*. (19 Setembro): [http://www.ap.org/].

49 Ver Barthe, B. 2007. “A Gaza, un rassemblement d’opposants au Hamas a été lourdement réprimé”. *Le Monde*. (15 Agosto): [http://www.lemonde.fr/].

50 Ou seja, a polícia destacada pelos islamistas na sequência da sua vitória eleitoral em Janeiro de 2006.

51 Estes valores são aproximados.

ceitável”; “Onde estão os direitos humanos e a segurança?”, “Ó Abbas! Ó Haniyeh! Nós queremos a unidade do povo”.

- No dia 31 de Agosto,<sup>52</sup> teve lugar uma manifestação das mais importantes desde a tomada de Gaza, desta feita para protestar contra o embargo que se operou, então, pelo Hamas. Foram mais de 10 mil os partidários do Fatah e de outros movimentos palestinianos que desafiaram o Hamas, gritando “xiitas, xiitas!”, quando milhares de pessoas participavam na oração de sexta-feira numa grande praça vigiada por centenas de agentes da Força Executiva.

Segundo testemunhas, a polícia bateu nos manifestantes com as coronhas das armas ou com paus e aprisionou alguns. Uma granada ensurdecadora foi lançada para o meio da população. Ficaram feridos dois jornalistas do canal de televisão franco-alemã Arte, Barbara Lohr e Frédéric Bak, e seis jovens palestinianos. No meio do caos, um orador terá exortado os fiéis a colocar de parte as suas divergências e a unirem-se contra Israel.

Face a estes acontecimentos, o representante do Hamas em Gaza e ex-Primeiro-Ministro, Ismail Haniyeh, acusou os manifestantes de profanar o carácter sagrado das orações de sexta-feira.

- No dia 7 de Setembro,<sup>53</sup> tiveram lugar, mais uma vez, choques violentos entre militantes do Fatah e polícias do Hamas fazendo cerca de vinte feridos, alguns dos quais com balas, e aprisionando três responsáveis do partido de Abbas. E, mais uma vez, este incidente ocorreu aquando da grande oração colectiva semanal, ao ar livre. A cidade de Gaza foi novamente palco de confrontos entre “irmãos”.

De forma a evitar concentrações de partidários do Fatah, o Hamas proibiu orações colectivas na rua. No entanto, «ninguém tem o direito de se intrometer no que diz respeito às devoções dos fiéis», assumiu o Fatah, que havia anunciado previamente a sua intenção de ignorar esta proibição de concentração, incitando os seus camaradas a se mobilizarem em massa.

Abbas reagiu à confrontação lançando, num comunicado, um pedido de calma. Neste mesmo documento, o presidente da AP acusava o Hamas de utilizar as mesquitas para fins políticos.

---

52 Ver [s./a.]. 2007. “Le Fatah rassemble des milliers de partisans à Gaza”. *Le Monde/AFP/Reuters*. (31 Agosto): [<http://www.lemonde.fr/>].

53 Ver [s./a.]. 2007. “Des affrontements entre partisans du Hamas et du Fatah font vingt blessés à Gaza ». *Le Monde/AFP*. (7 Setembro): [<http://www.lemonde.fr/>].

Contudo, as manifestações não estão restritas a Gaza, tendo também lugar na outra parte dos territórios palestinos:

- No dia 22 de Setembro,<sup>54</sup> cerca de 200 mulheres apoiantes do Hamas protestaram na Cisjordânia. A sua exigência consistia na libertação dos membros do Hamas detidos pela AP. «Nós somos um só povo palestino em Gaza e na Cisjordânia», cantaram as manifestantes. Durante esta manifestação em Ramalá, pelo menos uma mulher foi detida no quartel-general de Abbas.

Se, por um lado, as forças de segurança do Fatah prenderam um número considerável de *leais* do Hamas desde que o movimento se “apoderou” de Gaza,<sup>55</sup> por outro lado, a Força Executiva criou uma fissura dentro da secular facção do Fatah, em Gaza, detendo um número considerável dos seus apoiantes. Segundo um oficial de segurança de Ramalá, menos de 100 apoiantes do Hamas estavam, pela altura da manifestação feminina em Ramalá, detidos em prisões cisjordanas, quando os oficiais do Hamas dizem que o número é maior. E, ao longe, ecoam as vozes das manifestantes, dizendo: «Abbas está a ajudar os israelitas a meter o seu próprio povo na prisão».

Grupos de direitos humanos criticaram o Hamas por ter batido em alguns activistas do Fatah e por dar cabo das suas demonstrações em Gaza. Contudo, também disseram que alguns membros do Hamas foram espancados durante as recentes detenções.

A questão que fica no ar é: até quando é que os palestinos levarão por diante esta “Intifada partidária”?

## O futuro dos territórios palestinos é decidido em mesa redonda?

### 1. Nova Estratégia para o Médio Oriente

Existem, seguramente, dúvidas acerca da estratégia norte-americana para o Médio Oriente. O analista da BBC para o Médio Oriente, Roger Hardy, declarou<sup>56</sup> que os especialistas se encontram desanimados acerca de projectos de reanimação do processo de paz

---

54 Ver [s./a.]. 2007. “Hamas women protest in West Bank”. *BBC News*. (22 Setembro): [<http://news.bbc.co.uk/>].

55 Confinando a facção de Abbas à Cisjordânia e dividindo os territórios palestinos em dois.

56 Ver [s./a.]. 2007. “Doubts over US Mideast strategy”. *BBC News*. (2 Agosto): [<http://news.bbc.co.uk/>].



israelo-palestiniano. Ellen Laipson, do Conselho de Segurança Nacional que gere o Centro Henry Stimson, reflecte o cepticismo geral: «Eu penso que a administração Bush criou um mito acerca de si própria [acreditando] mais profundamente num estado palestino do que presidentes anteriores». Laipson acredita que ainda não existe nenhum sinal de que irá ser feito o necessário investimento na criação da paz.

Num discurso de meados de Julho de 2007, George W. Bush reafirmou o seu compromisso quanto à solução a dois estados, com um estado palestino a viver lado a lado com Israel. Agora, a Secretária de Estado, Condoleezza Rice, e o Secretário da Defesa, Robert Gates, estão a tentar conferir alguma consistência a esse compromisso, pondo em marcha a “Conferência de Novembro”. Pretende-se com este “encontro” regional<sup>57</sup> a aproximação de Israel, palestinos e de alguns estados árabes. Visto o Egipto e a Jordânia já possuírem relações diplomáticas com Israel, a esperança de poucos optimistas recai sobre os sauditas, já que a Síria está *tecnicamente* em guerra com o estado judeu.

Para além do local e da data, falta saber quais serão os (não) convidados para o encontro. Fontes diplomáticas norte-americanas adiantaram que poderá realizar-se a 24 e 25 de Novembro de 2007, em Washington. Por outro lado, os Estados Unidos têm-se mantido muito discretos acerca dos países que pensam convidar para a reunião. Contudo, Rice adiantou, já em finais de Setembro de 2007, que as principais Nações Árabes, incluindo a Síria, seriam convidadas pelo presidente norte-americano a comparecer e que desejava que pudessem aceitar o convite. «Nós esperamos que os convites incluam os membros do comité»,<sup>58</sup> disse a Secretária de Estado norte-americana após um encontro do Quarteto. É que, para além dos palestinos e do Secretário-geral da Liga Árabe, Amr Moussa, o dito comité contempla a Argélia, o Bahrein, o Egipto, a Jordânia, o Líbano, Marrocos, o Qatar, a Arábia Saudita, o Sudão, a Síria, a Tunísia e o Iémen.

Quanto ao grupo dos representantes do Quarteto, ele «trabalhará para que tenha lugar um bem sucedido encontro internacional e na implementação das suas conclusões». <sup>59</sup> Os seus membros são:

- A Secretária de Estado norte-americana, Condoleezza Rice;
- O emissário do Quarteto, Tony Blair;

---

57 A Casa Branca está a evitar a palavra “conferência”.

58 Ver Lee, M. 2007. “Key Arab Nations Invited to Peace Talks”. *Associated Press*. (24 Setembro): [<http://www.ap.org/>]. (acedido em 10/10/2007).

59 *Ibid.*

- O Secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon;
- O Ministro dos Negócios Estrangeiros russo, Sergey Lavrov;
- O Ministro dos Negócios Estrangeiros Português, Luís Amado;
- O Alto Representante para a Política Externa e de Segurança da União Europeia, Javier Solana;
- A Comissária responsável pelas Relações Externas e pela Política Europeia de Vizinhança, Benita Ferrero-Waldner.

Na visão de Rice, um “encontro” bem sucedido tem de ser substancial e deve levar por diante a causa do Estado Palestino e é este tipo de encontro que os EUA querem proporcionar aos seus convidados e ao mundo. «É preciso fazer avançar o processo, chegar a um documento que lance as bases de negociações sérias, tendo em vista a criação de um Estado palestino o mais rapidamente possível»,<sup>60</sup> acrescentou a Secretária de Estado norte-americana. Para tal, é necessário que ambos, Abbas e Olmert, redijam um documento antes da *conferência*, que assente as bases da pretendida seriedade negociada.<sup>61</sup>

Sem este documento, a tarefa de convencer os estados árabes de que se está a desenvolver um real progresso no processo de paz para o Médio Oriente, que levará ao efectivo estabelecimento do Estado Palestino, será tremendamente dificultada. Segundo Roger Hardy, os EUA acreditam, pois, ser muito mais difícil contar com a comparência de estados árabes em tais circunstâncias, tais como a Arábia Saudita.

## **2. - Sr. Abbas, vai desejar o seu prato “Nova Estratégia para o Médio Oriente” com ou sem Hamas?**

É evidente que ambos americanos e israelitas desejam fortalecer o que eles entendem como sendo o “governo moderado” encabeçado por Abbas, na Cisjordânia, isolando e enfraquecendo o *Hamas* desta administração bicéfala. Mas qual será a melhor estratégia para tal? Dois caminhos são, desde logo, apresentados.

---

60 Ver [s./a.]. 2007. “Condoleezza Rice quer «negociações sérias» sobre um Estado palestino”. *Lusa/SOL*. (20 Setembro): [<http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Default.aspx>].

61 Ver [s./a.]. 2007. “US to push for Palestinian state”. *BBC News*. (20 Setembro): [<http://news.bbc.co.uk/>].

- 1) David Makovsky, do Instituto Washington para a Política do Próximo Oriente pro-israelita, pensa que é vital apoiar o Presidente Abbas e o seu Primeiro-ministro, Salam Fayyad. O momento ideal para aproveitar a oportunidade seria quando houvesse moderados de ambas as partes, com o senão de que os **radicais** prevaleceriam...
- 2) Thomas Pickering, um dos veteranos da política externa de Washington, confere falta de sensatez ao fortalecimento do Hamas, ao fazer dos seus adversários os “filhos favoritos” do Ocidente. Mesmo sendo as duas figuras principais, o Presidente Abbas e o PM Ehud Olmert, estes poderiam ser demasiado fracos para carregar sozinhos o fardo da criação da paz, ...

Rice visita uma vez mais a região, cujo objectivo é, numa primeira fase, criar uma aliança dos “moderados” de forma a conter a influência do Irão e da Síria dos grupos militantes do Hamas e do Hezbolá e numa segunda fase, tentar trazer à vida o processo de paz.

Já numa época de conversações frente-a-frente entre Rice e os “moderados” interessados numa “solução a dois estados”, que antecede em mais de um mês o “encontro” regional, os israelitas declaram Gaza “hostil” e o encorajamento norte-americano vai no sentido do reforço da declaração israelita, por um lado, e dos recentes encontros frente-a-frente entre Abbas e Olmert, por outro.

Na visão de Mahmud Abbas, faz muito sentido que o documento que lance as bases de negociações sérias, tão desejado pelos americanos, seja redigido enquanto pacto, unindo ambas as partes a um mesmo compromisso. No entanto, não deixa de temer que este encontro venha a ser uma perda de tempo, devido ao comunicado do Hamas<sup>62</sup> que apelava, quer à Autoridade Palestiniana quer aos países árabes, ao boicote da *conferência*.

Relativamente à reunião, ela deve «dar o primeiro passo para negociações sérias que levem ao fim da ocupação israelita da terra (palestiniana) e das terras árabes que começou em 1967, de acordo com as leis internacionais, o roteiro de paz, a visão do Presidente (George W.) Bush, a iniciativa árabe e os acordos assinados».<sup>63</sup> Abbas também informou

---

62 O comunicado do Hamas, adiantado pelo seu porta-voz, Sami Abu Zuhri, diz que «a escalada israelita, com a bênção (sic) dos Estados Unidos, enfraquece a dita reunião no Outono e esvazia-a de substância». Ver [s./a.]. 2007. “Condoleezza Rice quer «negociações sérias» sobre um Estado palestiniano”. *Lusa/SOL*. (20 Setembro): [<http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Default.aspx>].

63 *Ibid.*

Rice sobre a vontade séria de querer chegar, juntamente com Israel, a um «acordo integrando um calendário de aplicação sobre as questões do estatuto final».<sup>64</sup>

Para além disso, Abbas criticou a decisão israelita de considerar a Faixa de Gaza como território inimigo, uma vez que «esta designação tem um grave significado político [e] qualquer sanção visando o povo palestino, seja individual ou colectiva, incomoda-nos e preocupa-nos. Isso prejudicará as nossas relações bilaterais [com Israel] e as nossas discussões»,<sup>65</sup> disse o líder do Fatah.

### 3. Terá o Hamas gritado suficientemente?

Por um lado, a voz do Hamas faz-se ouvir através da televisão Al-Aqsa, o seu canal televisivo. Se os “Pioneiros do Futuro” – o programa infantil estreado em Abril de 2007 – levavam para o ar o sócio da *Mickey* e os seus ensinamentos/incitamentos à violência contra Israel, ao meio-dia de 22 de Agosto de 2007 o Hamas passou a informar directamente os seus telespectadores das notícias que mais os afectavam.<sup>66</sup>

Por outro lado e no que concerne à cena internacional e a entidades bem reputadas, o Hamas foi deixado sem voz. O ex-primeiro ministro britânico e agora emissário do Quarteto, Tony Blair, acredita numa “possibilidade de paz”,<sup>67</sup> após a reunião com o Presidente israelita aquando da sua primeira visita à região, sem ter tido ouvidos nem tempo na sua agenda para o Hamas.

O roteiro da viagem de Blair principiaria com uma reunião, em Amã, com o chefe da diplomacia jordana, Abdelilah Khatib, no dia 23 de Julho de 2007. Seguir-se-iam, em Jerusalém, os encontros com a chefe da diplomacia israelita, Tzipi Livni, e com o Ministro da Defesa israelita, Ehud Barak. No dia seguinte, da parte da manhã, teria lugar a reunião com o presidente israelita, Shimon Peres; da parte da tarde, em Ramalá, Blair encontrar-se-ia com o Presidente palestino, Mahmud Abbas, e com o primeiro-ministro, Salam Fayad; já à noite, em Jerusalém, reunir-se-ia com o chefe do Governo israelita, Ehud Olmert.

---

64 As questões do estatuto final são: as fronteiras, Jerusalém, os refugiados, a colonização e a água.

65 *Op. cit.*

66 Ver Barthe, B. 2007. “Al-Aqsa TV: le Hamas fait sa télé”. *Le Monde*. (22 Agosto): [<http://www.lemonde.fr/>] (acedido em 22/08/2007).

67 Ver [s./a.]. 2007. “Tony Blair acredita na “possibilidade de paz” no Médio Oriente”. *Público*. (24 Julho): [<http://ww2.publico.clix.pt/>].

«O mais importante é escutar e aprender as formas de promover o processo de paz regional. Vim escutar o que os israelitas e os palestinos têm para dizer», disse Tony Blair, o enviado especial desta missão “extremamente difícil”, assim designada pelo Secretário de Estado britânico dos Negócios Estrangeiros e Commonwealth com a tutela do Médio Oriente, Kim Howells. Blair reúne os apoios jordano e israelita numa missão que «é vital para os palestinos, os israelitas e para toda a região», segundo o chefe da diplomacia jordana, e na iminência de «uma [efémera] oportunidade para a paz”, tal como o presente o presidente israelita.

A visita de Blair ocorre num momento particularmente difícil para os palestinos: quando Abbas apenas controla a Cisjordânia e mantém a sua recusa em dialogar com o Movimento da Resistência Islâmica que controla o poder na Faixa de Gaza. Ainda assim, para alguém que se faz passar por bom ouvinte, é lamentável que, nesta tentativa de relançar o processo de paz que passa necessariamente pelo diálogo entre israelitas e palestinos, não tenha escutado quem se prontificava para dar dois dedos de conversa e cujo nome não constava da agenda blairiana: o Hamas.

Os compromissos assumidos pelo Quarteto impossibilitaram Blair de dialogar com o Hamas, pelo menos oficialmente.<sup>68</sup> Se o próprio Hamas afirmou estar disposto a falar com Blair – enquanto mediador com Israel – e se ignorá-lo não iria/irá facilitar a missão do “emissário da paz”, porque é que Blair se mostrou indiferente ao que parecia ser um “bom sinal”? Questionado acerca da rejeição do Hamas, Blair disse: «O problema foi conduzir negociações com um partido que não aceita uma solução a dois estados, assim como a existência de Israel.»<sup>69</sup>

Blair prontifica-se a «ajudar a construir um forte, moderado governo palestino capaz de manter a ordem e a justiça».<sup>70</sup> Interrogando-se acerca da competência e da vontade dos moderados em assumirem o poder nos próximos e decisivos meses que se seguem, o emissário do Quarteto ambiciona a concretização da “visão certa” para a Palestina, ou seja, da sua vivência lado a lado com Israel.

---

68 Ver Raposo, L. 2007. “Tony Blair no Médio Oriente para relançar processo de paz”. *Diário de Notícias*. (24 Julho): [<http://dn.sapo.pt/>] (acedido em 24/07/2007).

69 Ver Leopold, E. 2007. “Blair says Palestinians need institutions for a state”. *Reuters UK*. (24 Setembro): [<http://uk.reuters.com/>]. (acedido em 10/10/2007).

70 Ver [s./a.]. 2007. “Blair: Conference a stepping stone to peace accord”. *Haaretz/AP*. (26 Setembro): [<http://www.haaretz.com/>] (acedido em 10/10/2007).

É de esperar que o Sr. Blair responda: «Eles querem que eu vá ter com os israelitas e que lhes diga: “Vós deveis lidar com estes tipos enquanto eles estão a autorizar alguém a disparar *rockets* contra crianças da escola do lado israelita”»,<sup>71</sup> quando não quer verdadeiramente responder a qualquer uma das seguintes questões:

1. Porque é que não falou com o Hamas, quando teve a oportunidade, aquando da sua primeira visita à região como emissário do Quarteto?
2. Como é que ousou recusar uma conversação com o Hamas, ainda que não oficial, dada a abertura demonstrada nesse sentido pelo movimento?

«Deveria Israel negociar com o Hamas?» Blair pensa que isso não é possível nem *sensível*, uma vez que não acredita que os militantes islâmicos queiram verdadeiramente a paz e, sim, «que Israel deveria estar preparado para negociar com os palestinianos que querem a paz».<sup>72</sup>

O Hamas lamentou que não fizesse parte dos planos do representante do Quarteto para o Médio Oriente, segundo Oded Balilty.<sup>73</sup> «Excluir o Hamas é excluir uma grande parte da população palestiniana», disse o porta-voz do movimento na Faixa de Gaza, Fawzi Barhoom, e advertiu que a exclusão do Hamas «provocará não só o fracasso da missão de Blair, mas também da comunidade internacional».<sup>74</sup> E não farão sentido estas palavras, se o que se pretende de agora em diante é evitar injustiças? Como é que se pode negociar um acordo próspero sem que todas as partes implicadas estejam envolvidas e tenham direito a uma opinião? «Excluir o Hamas não trará segurança nem estabilidade à região», acrescentou Barhoom.

Agora, a questão que paira no ar é, justamente, a de saber que tipo de frutos será esperado colher-se no Médio Oriente, devido à Conferência de Novembro: doces ou amargos?...

---

71 Ver Leopold, E., *Ibid.*

72 Ver [s./a.]. 2007. “Blair: Conference a stepping stone to peace accord”. *Haaretz/AP*. (26 Setembro): [<http://www.haaretz.com/>] (acedido em 10/10/2007).

73 Ver Balilty, O. 2007. “Hamas lamenta ter sido excluído dos planos de Blair”. *Jornal de Notícias*. (24 Julho): [<http://jn.sapo.pt/>] (acedido em 24/07/2007).

74 *Ibid.*

## Conclusão

O paradoxo que o Hamas vive - e que serve de mote a este artigo - não é mais do que o resultado da combinação das várias visões do mundo em relação a si próprio. Os diversos actores, regionais e internacionais, influenciam teórico-historicamente o Movimento da Resistência Islâmica na sua ideologia e na sua conduta.

As eleições de 25 de Janeiro de 2006 ditaram, democraticamente, a vitória do Hamas. Valeu-lhe, claramente, a sua boa imagem forjada por obras sociais dignas da inveja do Fatah, então desacreditado aos olhos da maioria do eleitorado. No entanto, pela fidelidade do Movimento da Resistência Islâmica ao seu *Pacto* de 1988, onde incluía, entre outros, o não reconhecimento de Israel, o mundo condenou o partido e coagiu o presidente da AP à acção.

Na actualidade, afloram questões, dúvidas e sede de justiça. Enquanto *irmãos* se defrontam a céu aberto, “negociações sérias” prevêem-se e a promessa de um Estado Palestiniano ganha consistência. Mas... com que pilares? Será o Hamas um deles?